Comunicados e Vacinados

Comunicados y vacunados

Communicated and Vaccinated

André Costa Lobato, Claudio Brandão e Victor Lenzi

Resumo: Olhamos para os dois documentos publicados pela Casa Branca e pelo MRE Chinês, após visita de Xi a Trump em Washington. Nos textos, dois novos pandas chegaram no Zoológico de Atlanta, um diálogo em AI foi combinado, apoio ao G20 Miami e APEC Shenzhen confirmados, alívio tarifário e mecanismo comercial entraram na pauta. Os textos divergem em tom, com o da Casa Branca mais exaltado e imperativo, indicado ações na governança interna chinesa. O tema mais esperado, se haverá um diálogo bilateral sobre IA já contrasta com a visão mais multilateral chinesa com a expectativa dos EUA de uma linha vermelha para evitar ruídos. Em Pequim, aa 27ª Assembleia Geral Anual da Rede de Fabricantes de Vacinas de Países em Desenvolvimento (DCVMN) reuniu mais de 40 fabricantes de 17 países para discutir produção regional, financiamento, cooperação regulatória e acesso equitativo a vacinas. Durante o encontro, o Ministério da Saúde, a Fiocruz/Bio-Manguinhos, o Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) e a International Finance Corporation (IFC) apresentaram a investidores internacionais a Parceria Público-Privada do Complexo Industrial de Biotecnologia em Saúde (CIBS), plataforma de processamento final de vacinas e biofármacos no Rio de Janeiro, com investimento estimado de US$ 1,4 bilhão.

Palavras-chave: China-USA; IA; Produção de Vacinas.

Resumen: *Analizamos los dos documentos publicados por la Casa Blanca y el Ministerio de Asuntos Exteriores de China tras la visita de Xi a Trump en Washington. Los textos recogen la llegada de dos nuevos pandas al Zoológico de Atlanta, el acuerdo para establecer un diálogo sobre IA, la confirmación del apoyo a las cumbres del G20 en Miami y de la APEC en Shenzhen, así como la inclusión en la agenda de medidas de alivio arancelario y mecanismos comerciales. Los textos difieren en cuanto al tono: el de la Casa Blanca es más enfático e imperativo, señalando acciones relativas a la gobernanza interna de China. El tema más esperado —la posibilidad de un diálogo bilateral sobre IA— contrasta la visión más multilateral de China con la expectativa de EE. UU. de establecer una "línea roja" para evitar fricciones. Por otro lado, en Pekín, la 27.ª Asamblea General Anual de la Red de Fabricantes de Vacunas de Países en Desarrollo (DCVMN) reunió a más de 40 fabricantes de 17 países para debatir sobre producción regional, financiación, cooperación regulatoria y acceso equitativo a las vacunas. Durante el encuentro, el Ministerio de Salud, Fiocruz/Bio-Manguinhos, el Programa de Asociaciones de Inversión (PPI) y la Corporación Financiera Internacional (IFC) presentaron a inversores internacionales la asociación público-privada para el Complejo Industrial de Biotecnología en Salud (CIBS), una plataforma de procesamiento final de vacunas y biofármacos ubicada en Río de Janeiro, con una inversión estimada de 1400 millones de dólares.*

Palabras clave: *China-EE. UU.; IA; producción de vacunas.*

Summary. *We look at the two documents published by the White House and the Chinese Foreign Ministry, after Xi's visit to Trump in Washington. In the texts, two new pandas arrived at Zoo*

Atlanta, a dialogue on AI was arranged, support for the G20 Miami and APEC Shenzhen confirmed, tariff relief and trade mechanism were on the agenda. The texts diverge in tone, with the White House's more exalted and imperative, indicating actions in Chinese internal governance. The most anticipated topic, whether there will be a bilateral dialogue on AI, already contrasts with the more multilateral Chinese view with the US expectation of a red line to avoid noise. In Beijing, the 27th Annual General Meeting of the Developing Countries Vaccine Manufacturers Network (DCVMN) brought together more than 40 manufacturers from 17 countries to discuss regional production, financing, regulatory cooperation, and equitable access to vaccines. During the meeting, the Ministry of Health, Fiocruz/Bio-Manguinhos, the Investment Partnerships Program (PPI) and the International Finance Corporation (IFC) presented to international investors the Public-Private Partnership of the Industrial Complex of Biotechnology in Health (CIBS), a platform for the final processing of vaccines and biopharmaceuticals in Rio de Janeiro, with an estimated investment of US$ 1.4 billion.

Keywords: *US-China; AI; Vaccine Production.*

Diplomacia

Xi visita Trump

A Casa Branca e o MRE Chinês divulgaram, cada, um documento sobre os resultados da visita de três dias de Xi Jinping a Trump. Pelos títulos, já se sabe quem publicou qual: "Fact Sheet: President Donald J. Trump Advances a Fair and Reciprocal Relantionship with China While Hosting Historic State Visit"[1] e o "China and the United States Reach Eight Deliverables and Understandings"[2]. Xi reciproca a visita de Trump em maio a Pequim. No total, os dois se encontraram oito vezes.



Cai Qi, Wang Yi, He Lifeng, Xi Jinping, Donald Trump, JD Vance, Marco Rubio e Scott Bessent

Embora não usem necessariamente a mesma nomenclatura, possuem um núcleo central comum: tratam da construção de uma relação de "estabilidade estratégica" baseada em respeito, justiça e reciprocidade, o apoio mútuo nas cúpulas do G20 (Miami, 14/15 novembro) e do APEC (Shenzhen, 18/19 novembro), a proibição de armas nucleares ao Irã e de pedágios em vias navegáveis, a redução tarifária recíproca de US$ 30 bilhões, a cooperação

[1] Fact Sheet: President Donald J. Trump Advances a Fair and Reciprocal Relationship with China While Hosting Historic State Visit — Pesquisa Google. https://www.whitehouse.gov/fact-sheets/2026/09/fact-sheet-president-donald-j-trump-advances-a-fair-and-reciprocal-relationship-with-china-while-hosting-historic-state-visit/ (accessed 29 Sept2026).

[2] China and the United States Reach Eight Deliverables and Understandings_Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China. https://www.fmprc.gov.cn/eng/xw/zyxw/202609/t20260926_12031663.html (accessed 29 Sept2026).

antidrogas, o diálogo sobre inteligência artificial (novembro) e a chegada dos pandas a Atlanta.

A última vez que Xi Jinping fez visita de Estado aos EUA foi em 2015, quando discursou na Assembleia Geral e depois fez visita de Estado a Barack Obama. Na ocasião, ele lançou o termo "comunidade de destino compartilhado". Outras aparições de Xi foram virtuais, em 2020 e 2021.

Embora os anfitriões tenham personalidades distintas, os problemas bilaterais a serem resolvidos não mudaram tanto. Ficaram mais evidentes. No entremeio, porém, Xi consolidou a Rota da Seda como uma instituição global – reconectando a memória antiga com a globalização atual –, ampliou sua marinha e demonstrou grande folego na competição pelos mercados de alto valor agregado.

A Casa Branca e o Ministério das Relações Exteriores (MRE) chinês divulgaram, cada um, um documento sobre os resultados da visita de três dias de Xi Jinping a Donald Trump. Pelos títulos, já se sabe quem publicou qual: o americano, "Fact Sheet: President Donald J. Trump Advances a Fair and Reciprocal Relationship with China While Hosting Historic State Visit", e o chinês, "China and the United States Reach Eight Deliverables and Understandings". Xi retribui a visita de Trump a Pequim, em maio. No total, os dois líderes já se encontraram oito vezes.



Figura 1. *Página do Zoológico de Atlanta, comemorando a chegada dos Pandas*

Embora não utilizem necessariamente a mesma nomenclatura, os documentos possuem um núcleo central comum: tratam da construção de uma relação de "estabilidade estratégica" baseada em respeito, justiça e reciprocidade; do apoio mútuo nas cúpulas do G20, em Miami (14 e 15 de novembro), e da APEC, em Shenzhen (18 e 19 de novembro); da proibição de armas nucleares ao Irã e de pedágios em vias navegáveis; da redução tarifária recíproca de US$ 30 bilhões; da cooperação antidrogas e do diálogo sobre inteligência artificial, previsto para novembro; e da chegada dos pandas a Atlanta.

A última vez que Xi Jinping fez uma visita de Estado aos Estados Unidos foi em 2015, quando, após discursar na Assembleia Geral da ONU, realizou uma visita de Estado a Barack Obama. Na ocasião, lançou o termo "comunidade de destino compartilhado". Outras aparições de Xi ocorreram virtualmente, em 2020 e 2021.

Embora os anfitriões tenham personalidades distintas, os problemas bilaterais a serem resolvidos não mudaram tanto. Tornaram-se, porém, mais evidentes. Nesse intervalo, Xi consolidou a Rota da Seda como uma instituição global — reconectando uma memória antiga à globalização contemporânea —, ampliou sua marinha e demonstrou grande fôlego na competição por mercados de alto valor agregado.

Olhando para os dois textos de 2026, percebe-se que eles compartilham temas, mas apresentam divergências de conteúdo e de enquadramento. Os Estados Unidos utilizam o documento para listar conquistas concretas e detalhadas, voltadas sobretudo ao público doméstico, incluindo compromissos ausentes do texto chinês, como as importações de carvão, a criação do Board of Investment, as terras raras, o petróleo refinado e as negociações trilaterais de controle de armas. A China, por sua vez, acrescenta itens que reforçam a simetria entre as

partes, como o memorando militar sobre prevenção de crises e a continuidade das buscas por restos mortais de militares americanos.

As diferenças de narrativa nos temas compartilhados são igualmente reveladoras. Washington enfatiza tomadas de posição unilaterais e exigências, como a pressão pela aplicação de penas máximas, incluindo a pena de morte, em casos de tráfico de drogas, e a adoção do termo "superintelligence" em vez de "inteligência artificial" — expressão que Pequim simplesmente ignora em seu comunicado. A versão chinesa, por sua vez, apresenta os mesmos resultados como fruto de uma cooperação bilateral equilibrada.

Além dos pandas, um dos trechos de maior similaridade é o relativo à Segunda Guerra Mundial. Nele, "os dois líderes reconhecem que os Estados Unidos e a China foram aliados na Segunda Guerra Mundial (IIGM) e lutaram lado a lado para vencer a guerra". O texto americano, entretanto, afirma logo em seguida que a "presença militar avançada dos Estados Unidos tem preservado um Indo-Pacífico livre e aberto". Indo-Pacífico pode ser entendi como um pleonasmo geopolítico para Taiwan, que não foi mencionada.

O quanto cada detalhe revela ou não a capacidade de execução de cada governante e as vantagens estratégicas de cada estilo diplomático em se obter o que de fato o que se quer e, não necessariamente, do que está sendo dito? A carta de Trump deve ser vista como um blefe ou uma demonstração de poder real? Deve ser vista como um documento diplomático relevante ou um texto circunscrito às primárias e a oscilação eleitoral estadunidense? Como, na prática, cada lado interpretará a reprimenda ao Irã (uma lei internacional que deve ser obrigatória a todos ou apenas uma expiação política para objetivos imediatos?), a democratização vs militarização do diálogo sobre IA ou a coordenação entre investimentos monetários diretos, comércio e energia (ou a gestão dos petrodólares)?

A Governança da Inteligência Artificial na Cúpula Washington-Pequim (2026)

As tratativas bilaterais sobre a governança das tecnologias emergentes entre os Estados Unidos e a República Popular da China tiveram desdobramentos relevantes durante a cúpula promovida em Washington em setembro de 2026.[3] Antecedendo o encontro presidencial, a equipe econômica norte-americana, liderada pelo Secretário do Tesouro Scott Bessent e pelo Representante de Comércio Jamieson Greer, manteve conversações de alto nível em Nova Iorque com o Vice-Premiê chinês He Lifeng. Na ocasião, a representação de Washington formalizou a proposta de criação de um mecanismo de notificação prévia (*notification mechanism*) voltado para a comunicação de incidentes de segurança nacional relacionados à inteligência artificial. Tal iniciativa, desenhada para operacionalizar o *Board of Trade* bilateral, busca estabelecer um canal mínimo de previsibilidade entre as duas maiores potências do setor. Na sequência dessas reuniões técnicas, foram avançadas articulações para o prosseguimento dos diálogos setoriais, incluindo propostas de encontros de trabalho em Shenzhen para dar continuidade à agenda de transações comerciais e tecnológicas.[4]

No plano diplomático, observou-se uma assimetria substancial no volume e no detalhamento das informações divulgadas sobre os debates conduzidos a portas fechadas na

[3] https://english.news.cn/20260925/2bc5b67308cf449696d7f83224dc6f68/c.html

[4] https://abcnews.com/Technology/wireStory/bessent-us-proposes-ai-incident-alert-system-talks-136609079

Casa Branca: enquanto os órgãos oficiais norte-americanos mantiveram um relato reservado e focado em declarações gerais de intenção, o Ministério das Relações Exteriores da China (MFA) publicou informes diplomáticos detalhados acerca dos tópicos abordados pelos chefes de Estado.[5]

A análise comparativa do acervo documental revela uma importante distinção entre o comunicado oficial do governo chinês e os discursos do chefe de Estado. O comunicado institucional enfatiza uma postura pragmática de diálogo contínuo, estabilidade estratégica e gestão responsável das divergências econômicas. Contudo, a linguagem normativa mais incisiva e prescritiva quanto aos rumos éticos da tecnologia originou-se diretamente das intervenções pessoais do Presidente Xi Jinping. Em seus pronunciamentos, Xi reiterou categoricamente que o avanço tecnológico deve permanecer estritamente "sob controle humano", prevenindo o uso indevido e o abuso da IA, além de assegurar o direcionamento da infraestrutura digital "para o bem" e a serviço da humanidade.[3]

A orientação estratégica dos Estados Unidos encontrou expressão inequívoca na intervenção do Presidente Donald Trump perante a Assembleia Geral das Nações Unidas. Em seu discurso, Trump declarou expressamente que *"os Estados Unidos rejeitam totalmente qualquer tentativa de construir um esquema globalista de controle"* sobre a tecnologia (*"The United States totally rejects any attempt to construct a globalist scheme of control"*). Na mesma ocasião, o mandatário oficializou a substituição terminológica da inteligência artificial pelo conceito de "Super Inteligência" (SI) na documentação governamental, argumentando que o adjetivo "artificial" transparece inautenticidade.[6]

A doutrina enunciada por Washington rejeita explicitamente a imposição de marcos regulatórios internacionais ou restrições multilaterais que possam desacelerar a inovação doméstica, enquadrando a disputa pela SI como uma competição de soma zero na qual a liderança norte-americana frente à China deve ser mantida sem amarras globais. Essa perspectiva desregulamentadora diferencia-se radicalmente do modelo proposto por Xi Jinping, que preconiza uma arquitetura de governança multilateral, aberta e inclusiva, voltada para a construção de consensos éticos internacionais.

Sob a ótica do multilateralismo, a postura adotada pela administração norte-americana suscita profundas preocupações estratégicas. Ao rejeitar categoricamente esquemas globais de regulação e subordinar a governança da IA unicamente a mecanismos bilaterais de mitigação de crises imediatas — como o sistema de alerta de incidentes de segurança proposto por Bessent —, os Estados Unidos enfraquecem a construção de normas universais indispensáveis para mitigar os riscos sistêmicos das tecnologias emergentes.

A recusa em aceitar parâmetros multilaterais compromete a equidade no acesso aos benefícios tecnológicos e vulnerabiliza a cooperação internacional em áreas sensíveis, como a vigilância epidemiológica e a segurança biológica digital. A primazia dada à competição mercantil e ao desenvolvimento irrestrito da "Super Inteligência", em detrimento de uma governança ética vinculante e centrada no ser humano como advogada por instâncias

[5] https://www.fmprc.gov.cn/eng/xw/zyxw/202609/t20260925_12031181.html

[6] https://www.whitehouse.gov/releases/2026/09/president-trump-at-the-united-nations-while-others-have-talked-i-have-acted/

multilaterais, acentua as assimetrias geopolíticas e ameaça transformar ecossistemas tecnológicos estratégicos em arenas de atrito desprovidas de salvaguardas coletivas.

Saúde

Em Pequim, fabricantes de vacinas do Sul Global discutem como transformar inovação em imunização, e Brasil apresenta o CIBS a investidores internacionais

A capital chinesa sediou, de 22 a 24 de setembro, a 27ª Assembleia Geral Anual da Rede de Fabricantes de Vacinas de Países em Desenvolvimento (DCVMN). O lema desta edição foi "Transformando Inovação em Imunização". Mais de 40 fabricantes de 17 países em desenvolvimento, nove deles da China, participaram do encontro, em um momento em que o setor busca novas formas de financiar, desenvolver, produzir e distribuir vacinas. O evento de três dias ocorreu no China World Hotel, organizado pela DCVMN em parceria com BJFPI, Sinovac, BioKangtai e Zhifei. Também estiveram presentes a OMS, a Gavi, a CEPI e o UNICEF, além de representantes do Fundo Global, do Grupo Banco Mundial e de autoridades regulatórias.

O peso da rede explica a amplitude da mobilização. Os membros da DCVMN respondem por mais de 60% da produção global de vacinas, abastecem mais de 170 países e já atenderam até 70% da demanda da África, da OPAS e da Gavi 5.0. A Fiocruz, por meio de Bio-Manguinhos, integra a rede.



Delegados na abertura da 27ª Assembleia Geral Anual da DCVMN, em Pequim, em 22 de setembro de 2026. Foto: DCVMN/Newsfile.

Os temas em debate

A programação cobriu produção regional, financiamento e cooperação regulatória, incluindo a pré-qualificação da OMS. Houve ainda sessões sobre o uso de inteligência artificial em pesquisa, manufatura e cadeias de suprimento, e sobre a confiança da população na vacinação. Na abertura, o CEO da DCVMN, Rajinder Suri, disse que a proposta em Pequim era ir

além do habitual e garantir que a voz dos fabricantes de países em desenvolvimento ajude a definir o futuro da imunização.

Os discursos da sessão inaugural apontaram na mesma direção: a inovação só se completa quando chega à população. O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, pediu que os fabricantes transformem inovação em impacto e levem o poder das vacinas a todas as pessoas, em qualquer lugar. O CEO da CEPI, Richard Hatchett, defendeu plataformas de produção sustentáveis, capazes de atender à rotina, à inovação, às prioridades regionais e à resposta a surtos. O ministro da Saúde da Indonésia, Budi Gunadi Sadikin, afirmou que a preparação para a entrega precisa começar junto com a pesquisa, e não apenas quando a aprovação sai.

A sustentabilidade do acesso também apareceu com força. A CEO da Gavi, Sania Nishtar, apontou os membros da DCVMN como forças centrais para ampliar o acesso e reduzir preços nos próximos cinco anos. O diretor-geral do Africa CDC, Jean Kaseya, lembrou que um ecossistema africano de produção exige mais do que infraestrutura e investimento: exige parcerias genuínas e participação equitativa. Pela Fundação Gates, Zhi-Jie Zheng disse que o papel desses fabricantes já não se limita a produzir a baixo custo, e que eles podem cada vez mais definir a própria agenda de inovação. O diretor da OPAS, Jarbas Barbosa, tratou as vacinas como investimentos estratégicos em segurança sanitária, estabilidade social, resiliência econômica e desenvolvimento sustentável.

O país anfitrião apresentou sua própria trajetória. Um representante da Administração Nacional de Controle e Prevenção de Doenças informou que nove vacinas chinesas já obtiveram a pré-qualificação da OMS e entraram nos sistemas internacionais de compra.

O CIBS apresentado ao mercado internacional

Foi nesse ambiente que o governo brasileiro levou a Pequim o projeto do Complexo Industrial de Biotecnologia em Saúde (CIBS). No dia 22 de setembro, uma delegação formada pelo Ministério da Saúde, pela Fiocruz/Bio-Manguinhos e pelo Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) da Casa Civil apresentou oficialmente a Parceria Público-Privada a fabricantes, investidores e organismos internacionais. A apresentação ocorreu no China World Summit Wing. A delegação contou com a International Finance Corporation (IFC), braço do Grupo Banco Mundial para o setor privado, que estrutura o projeto em conjunto com o BNDES. Ao longo da missão, a equipe também manteve reuniões bilaterais com potenciais interessados no escritório do IFC em Pequim.

O CIBS será construído no Distrito Industrial de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Voltado ao processamento final de vacinas e biofármacos, está sendo apresentado como o maior complexo do gênero na América Latina. O campus terá 580 mil m², com 343 mil m² de área construída distribuídos em 28 edificações. A produção estimada supera 120 milhões de frascos por ano, cerca de quatro vezes a capacidade atual da Fiocruz. A demanda existe: Bio-Manguinhos entregou 85 milhões de doses de vacinas e 16 milhões de unidades de biofármacos em 2025, mas sua instalação atual não tem mais espaço para expansão.

A planta foi desenhada para ser flexível. Ela poderá processar vacinas atenuadas, inativadas e de subunidade, além de biofármacos, com linhas de envase para produtos líquidos e liofilizados, seringas preenchidas e tecnologia blow-fill-seal. Parte dos equipamentos já foi adquirida pela Fiocruz. Os projetos executivos, o licenciamento e a preparação do terreno estão substancialmente concluídos.

O investimento estimado é de US$ 1,4 bilhão, com 60% de aportes públicos e 40% privados. O modelo prevê dois contratos licitados simultaneamente, abertos a empresas brasileiras e estrangeiras, isoladamente ou em consórcio. O contrato de infraestrutura, com prazo de 30 a 35 anos, cobre construção, equipamentos, utilidades e serviços de apoio, com remuneração por disponibilidade. O contrato de produção, com prazo de 10 a 20 anos, cobre todo o ciclo de processamento final, da formulação à liberação do produto; as atividades de qualidade ficam sob supervisão e responsabilidade regulatória de Bio-Manguinhos.

Cooperação Sul-Sul presente em Pequim

A EBPMN (Emerging Biopharmaceutical Manufacturers Network) também esteve em Pequim. A rede internacional sem fins lucrativos, dedicada à cooperação Sul-Sul no setor biofarmacêutico entre países do Sul Global e do BRICS. Essa presença liga dois movimentos que marcaram a semana. De um lado, o debate sobre produção regional e novas formas de cooperação entre fabricantes de países em desenvolvimento. De outro, a abertura, pelo Brasil, de uma plataforma produtiva de grande escala a parceiros nacionais e estrangeiros. É nesse espaço que a EBPMN atua: aproximar fabricantes, instituições públicas e investidores do Sul Global em torno de projetos que ampliem a capacidade de produção e o acesso a biológicos.

Sintonia com a agenda global

Apresentar o CIBS na assembleia da DCVMN tem um peso simbólico. Os temas que dominaram a abertura em Pequim — produção regional, novas formas de financiamento, sustentabilidade das plataformas e soberania sanitária — estão no centro do projeto brasileiro. O CIBS também se articula com a Estratégia Nacional para o Complexo Econômico-Industrial da Saúde, o Novo PAC, a Nova Indústria Brasil e a Coalizão Global para Produção Local e Regional, Inovação e Acesso Equitativo, proposta pelo Brasil no G20. Com o projeto, a Fiocruz sinaliza aos parceiros do Sul Global que pretende ampliar sua capacidade produtiva em escala e se consolidar como referência regional em vacinas e biofármacos.